



Kaká Werá Jecupé

AS FABULOSAS FÁBULAS DE
IAUARETÊ

A ONÇA QUE VIROU GUERREIRO KAMAIURÁ, CASOU COM KAMAKUÃ, A BELA, QUE GEROU IAUARETÊ-MIRIM, QUE PERSEGUIU O PÁSSARO ACAUÃ PARA CONSEGUIR A PENA MÁGICA E VOAR ATÉ JACY-TATÁ, A MULHER-ESTRELA, SENHORA DO SEGREDO DOS PODERES DOS PAJÉS.



EDITORA acaLANTO



AS FABULOSAS FÁBULAS DE
IAUARETÊ



Kaká Werá Jecupé

AS FABULOSAS FÁBULAS DE
IAUARETÊ

A ONÇA QUE VIROU GUERREIRO KAMAIURÁ, CASOU COM KAMAKUÃ, A BELA, QUE GEROU IAUARETÊ-MIRIM, QUE PERSEGUIU O PÁSSARO ACAUÃ PARA CONSEGUIR A PENA MÁGICA E VOAR ATÉ JACY-TATÁ, A MULHER-ESTRELA, SENHORA DO SEGREDO DOS PODERES DOS PAJÉS.

Ilustrações de Sawara



EDITORA acaLANTO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
DE ACORDO COM ISBD

J44f Jecupé, Kaká Werá
As fabulosas fábulas de Iauaretê: Livro do estudante / Livro do professor / Kaká Werá Jecupé ; ilustrado por Sawara. - 2. ed. - São Paulo : Acalanto, 2021.
96 p. ; 20,5cm x 27,5cm.

ISBN: 978-65-84600-09-6 (Livro do estudante)
ISBN: 978-65-84600-05-8 (Livro do professor)

1. Literatura infantil. 2. Literatura oral. 3. Contos. 4. Fábulas. 5. Literatura indígena. I. Sawara. II. Título.

2021-4742

CDD 028-5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

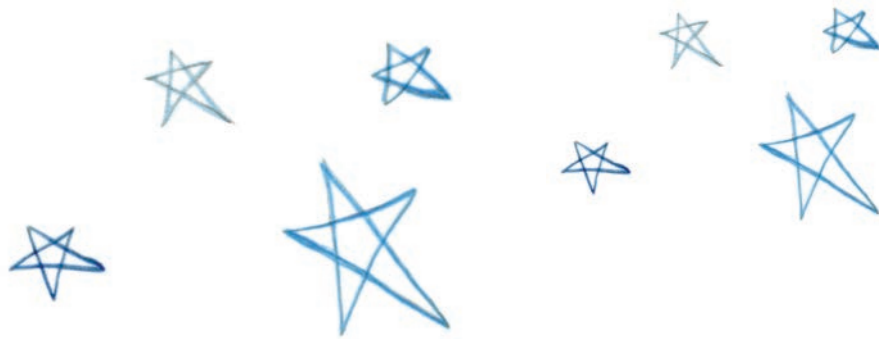
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

2021, 2ª edição



Assista ao vídeo tutorial:
<http://www.editoraascalanto.com.br/as-fabulosas-fabulas-de-iauarete-aluno>



SUMÁRIO

Histórias para boi acordar e onça dormir	6
O buraco da onça	8
Iauaretê e a anta	12
O pajé e o ratinho	16
Iauaretê e o jabuti	20
A mulher que se casou com Iauaretê	24
Iauaretê, a raposa e o jabuti	30
Iauaretê e o coelho-pajé	34
Juruá e Anhangá	38
Juruá vira peixe	44
Juruá, o boto e o pirarucu	48
Iauaretê-mirim encontra o pajé	54
Iauaretê-mirim e o jatobá	58
Iauaretê-mirim e o rio	62
Iauaretê-mirim tira o pai do buraco	66
Iauaretê-mirim enfrenta os lobos-guará	70
Iauaretê-mirim encontra Jacy-Tatá, a mulher-estrela	76
O general caçador de histórias	82
Sobre o autor e sobre a ilustradora	87
Informações e conversa sobre a obra	89





Prefácio

Histórias

para boi acordar
e onça dormir



Desde quando minha filha Sawara tinha 5 ou 6 anos eu conto estas histórias para ela. Neste projeto, lhe pedi que me recontasse, hoje, com 11 anos de idade, aquilo que ela lembrasse e gostasse, para me ajudar na escritura. Então minha já não tão pequena filhote se pôs a narrar com palavras e desenhos de sua memória as diversas aventuras e os melhores momentos de desventuras ocorridas com uma certa onça, Iauaretê, que virou gente, e com seus filhos: Juruá e Iauaretê-mirim.

Depois, selecionamos as aventuras que mais nos divertiram e também aquelas que nos emocionaram. Foi assim que nasceram as fabulosas fábulas de Iauaretê, a onça que virou guerreiro Kamaiurá, casou com Kamakuã, a bela, que gerou Iauaretê-mirim, que perseguiu o pássaro Acauã para conseguir a pena mágica e voar até Jacy-Tatá, a mulher-estrela, senhora do segredo dos poderes dos pajés.

Algumas narrações são divertidas, mas também falam sobre o medo, a coragem, a dúvida, o amor, a morte, a paz, a oportunidade, os erros e os acertos que enfrentamos na vida. Quando as contava para minha filha Sawara, também estava contando para mim mesmo. A minha criança interior ouvia, atentamente. Éramos uma só idade saboreando as ditas “fábulas”.

Alguns desses episódios vêm dos tempos mais antigos desta terra chamada Brasil. São mais antigas que as histórias da carochinha e tão lendárias quanto as lendas gregas!

É com muita alegria que nós, eu e Sawara, compartilhamos esta narrativa com vocês.

O buraco da onça

Triste sina muitas vezes é a vida de onça. Os machos têm fama de rei da floresta; as fêmeas têm fama de rainha da floresta. São reis e rainhas que, pela sua pele vistosa, são perseguidos pelos caçadores. Eles adoram o pelo pintado das onças e inventam armadilhas mirabolantes para pegá-las. Uma delas consiste em fazer um imenso buraco e disfarçá-lo com uma armação de galhos e folhas; coloca-se uma isca no meio, de preferência um pedaço succulento de carne, e pronto! Mais cedo ou mais tarde, uma onça irá cair no buraco. Às vezes acontece de cair outro bicho, mas os caçadores já estão acostumados com isso!

Iauaretê não era uma onça qualquer! Era uma onça-rei. Mas não somente uma onça-rei; era uma onça-rei que, por uma magia de Tupã, de noite virava gente e de dia virava bicho – onça-pintada.

Foi justamente em uma manhã, quando tudo dava sinais que ia ser um dia tranquilo, que logo Iauaretê, entre meio distraído e faminto, caiu nessa velha armadilha. Caiu em um buraco profundo.

Só faltava essa! Já andava triste por perder sua esposa. Andava triste por perder seu filhote. Andava triste pela barriga que roncava de fome. Agora, estava lá, na mais profunda escuridão e profundidade! Será isso o inferno de que os humanos falam?

Daqui a pouco talvez chegaria o caçador, o dono da armadilha, e aí sim é que tudo estaria terminado. Começou a andar em círculos no buraco, rosnando raivosamente, até pedir socorro a Tupã!

Não ouvindo resposta, arranhou a parede, socou, gritou, grunhiu, chorou, se desesperou!

– Calma! – Ouviu o silêncio de Tupã dizer. – Quando se está no buraco, a única coisa que não ajuda é o desespero.

Iauaretê respirava ofegante e quente! Seu coração saía pela boca de tanto nervosismo. Tinha dúvida se estava ouvindo alguém ou algo, ou se era delírio. Tomou fôlego e começou a andar em círculos de novo. Seu nervosismo foi aumentando até socar novamente a parede e rosnar.

– Calma!

Suas orelhas ficaram em pé. Será que ouvira alguma coisa? E o silêncio disse novamente:

– Calma!

Os olhos ficaram procurando na penumbra o que não existia, mas ouvia. Os olhos buscaram uma vaga claridade no alto, na abertura do buraco, e ninguém estava lá. Os olhos pediram ajuda para o nariz e





então começou um cheira daqui, cheira de lá, e nada. Os cheiros não enganam. O vazio do buraco não cheira. A terra cheira. A umidade cheira. Raízes de plantas e minhocas cheiram. Mas o vazio do buraco não cheira. O silêncio não fala. Mas ouviu novamente:

– Calma!

Será maluquice?

Realmente era o fim! Sem comida. Sem esposa. Sem filhote. No buraco e... maluco!

– Me chama, mas duvida quando respondo! Então, por que me chama?

Era Tupã, com sua voz invisível de silêncio:

– Respira e ouve, rei da floresta. Respira e acalma-te. Para de andar em círculos. Andar em círculos só te afunda mais no buraco!

– Tupã?! Tupã! Vai me ajudar?!

– Sim.

– Como?

– Vou manter o caçador longe daqui.

– E como vou sair desse buraco?

– Isso é com você. A minha parte é manter o caçador longe. A sua parte é ficar em paz. É pela paz que você vai encontrar a solução.

– Mas, Tupã?! Mas... Mas... Mas...

O sol estava no meio do dia, pois havia entrado uma luz clara no buraco. Iauaretê ficou mais tranquilo em saber que pelo menos o caçador não viria, mas também não via ainda nenhuma solução. Sentou.

O cansaço era grande. Ficou meditando sobre o que ouvira.

O buraco era grande demais para uma onça. Talvez nem tão grande para um ser humano. Pensou. Quando chegasse a noite e virasse gente, quem sabe essa seria a solução. Ou, então, quando descansasse mais e desse um de seus poderosos saltos de onça!

Acalmou-se. Isso! Só precisava descansar um pouco. Recuperar as energias.

Dormiu e ficou sonhando com a liberdade.

Pelas lambidas no beijo, sonhava também com outras coisas.

Os sonhos passavam como cenas. As cenas mostravam lembranças.

As lembranças foram embalando o seu descanso. Sonhava com sua casa, sua tapera querida. Sonhava suas aventuras e desventuras.

Iauaretê e a anta

No fim da trilha da cutia, no alto da floresta, tinha uma vista linda e boa para observar toda a mata e seus movimentos. Além disso, dava para ficar de olho na aldeia dos homens, bem no fundo, divisando com o horizonte. Foi lá que Iauaretê teve a ideia de levantar uma tapera – uma pequena casinha – para morar.

– Aqui será minha tapera. Daqui posso ver tudo: os movimentos dos ventos e dos bichos. O cheiro da caça e dos homens chega aqui. Muito bom este lugar.

Capinou, depois de demarcar, fazendo xixi nos quatro cantos da área. Depois de muito trabalho resolveu voltar outro dia para continuar, para cercar a construção.

Uma anta que por ali passava, seguindo a trilha da cutia, chegou ao alto e diante daquela vista maravilhosa disse:

– Que lugar maravilhoso para morar! E já capinado! Tupã está me ajudando! Vou tratar de cercar este lugar.

No dia seguinte, Iauaretê, a onça-rei, ficou muito surpreso:

– Ó! Tupã está me ajudando! Já está cercado!

Então colocou as paredes, colocou as varas de guatambu para o telhado e disse:

– Amanhã termino a casa! Ponho portas e janelas nas quatro direções.

Quando a anta chegou, ficou maravilhada:

– Tupã está mesmo me ajudando!

Colocou toda feliz as portas e janelas e saiu feliz pensando talvez na decoração.

Iauaretê não teve dúvida de que Tupã estava do lado dele.

– Tupã está me ajudando mesmo! Já está tudo prontinho! Vou buscar minhas coisas e me mudar amanhã mesmo.

Na manhã seguinte, chegaram os dois de mala e cuia e começou a confusão!

– Esta casa é minha – disse a onça. – Eu limpei o terreno e cerquei, coloquei o telhado e decorei!!!

– Mas, dona onça, quem fez as paredes, colocou as janelas fui eu!

– Mas a casa é minha! – berrou a onça:

A anta mostrou os dentes afiados e a briga começou. Até que, cansados da discussão, a anta fez uma proposta.

– Moraremos juntos e juntos construiremos outra casa, igual a esta, e um de nós se mudará quando a nova estiver pronta!

A onça adorava ficar ali, olhando lá embaixo, bem ao longe, a aldeia do povo Kamaiurá, principalmente quando faziam festa para ela. Enquanto a construção da outra casa se dava, ela ouvia ao longe os cantos.

Assim foi feito. Aprenderam a solidariedade. Talvez seja isso que Tupã pretendia. Hoje em dia são vizinhos, embora um viva sempre prestando atenção no outro com toda a desconfiança de antas e onças que são.







O pajé e o ratinho

Na aldeia Kamaiurá das Águas Claras da Lagoa do Morená existe um pajé muito sábio e poderoso. Ele conhece os segredos da transformação. Ele tem a capacidade de se transformar em qualquer animal. E também pode fazer isso com qualquer pessoa ou bicho.

Havia um ratinho, que vivia próximo à aldeia, que tinha medo da própria sombra e ficou sabendo da fama do pajé. Então foi procurá-lo e pediu-lhe que o transformasse em um sapo; assim, o gavião, seu inimigo número um, não o pegaria.

O pajé assim o fez. E, uma vez sapo, ele passou a ter muito medo da cobra. Então implorou ao pajé que o transformasse em uma onça.

Assim foi feito. Não demorou três dias e lá apareceu ele morrendo de medo do caçador:

– Ah, se eu fosse um gavião! Ninguém me pegava lá no alto!

Foi o suficiente para o pajé transformá-lo em um gavião. Mas, em seu primeiro voo, fugiu de medo do bem-te-vi, indo direto à oca do sábio pajé.

– O que você quer agora?!

– Sabe de uma coisa? Nós, os animais, somos injustiçados. Todos temos inimigos. E vocês, pajés, são poderosos. Se eu fosse um pajé como você...

Plim! Foi o bastante para o pajé transformá-lo em nada mais, nada menos que um pajé.

– Pronto. Fique no meu lugar. Enquanto isso eu vou voar e passear um pouco.

Vupt! O pajé transformou-se ele mesmo em um gavião-real.

Não demorou muito tempo e os guerreiros da aldeia trouxeram uma notícia ao novo pajé:

– Vamos ser atacados pelo feiticeiro da Aldeia da Escuridão, da outra margem do rio. O que o senhor nos aconselha, pajé?

Ao ouvir isso, ele saiu correndo imediatamente pela mata adentro.

– Gavião, gavião, gavião, cadê você? Não me deixe aqui! Socorro!!!

O gavião-real ouviu os gritos e pousou diante do ratinho metido a pajé, que lhe explicou o que estava acontecendo.





– O que eu faço? – perguntou ele tremendo e todo molhado de medo.
– Pois é, já transformei você em tanta coisa, mas você continua com o espírito de um ratinho medroso.

O pajé-gavião retornou à aldeia para orientar os guerreiros, e no caminho ainda aconselhou o ratinho, novamente tornado um camundongo:

– Os ataques do feiticeiro funcionam somente naqueles que vivem fugindo de si e naqueles que não sabem que a verdadeira transformação acontece quando enfrentamos, antes de tudo, nossos próprios medos.

Dizem que o ratinho saiu da floresta e foi morar na cidade. Só não se sabe se ele aprendeu alguma lição.

